



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Rural Notícias

Data: 26/09/2010

Link: <http://www.ruralnoticias.com/>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Florestas: avaliação de diferentes métodos de enriquecimento

FLORESTAS: AVALIAÇÃO DE DIFERENTES MÉTODOS DE ENRIQUECIMENTO

-"O plantio de plântulas e mudas de espécies de sub-bosque para o enriquecimento de áreas em processo de restauração demonstrou ser viável pela elevada sobrevivência em campo, acima de 90%"

-Em foto de Milene Bianchi dos Santos, mudas produzidas a partir da coleta de plântulas em uma Floresta Estacional Semidecidual em Guará (SP) antes da área ser suprimida para ampliação de uma Pequena Central Hidrelétrica-PCH



Rodovias, anéis viários, aeroportos, praças esportivas e uma série de intervenções urbanísticas representam obras de infra-estrutura promovidas a partir de desmatamentos legalizados. No entanto, o aproveitamento dessas áreas a partir do resgate de mudas destinadas à restauração de mata ciliar (APP) e Reservas Legais previstas no Código Florestal hoje em vigor ainda é algo recente. "Esse tipo de ação barateia custos e aumenta as possibilidades de restauração em todo o Brasil", comenta Sergius Gandolfi, professor do Departamento de Ciências Florestais (LCB), da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (USP/ESALQ).

Em um dos trabalhos orientados por Gandolfi, a bióloga Milene Bianchi dos Santos avaliou a eficiência de diferentes métodos de enriquecimento, como a transferência de plântulas da regeneração natural para produção e introdução de mudas de espécies de sub-bosque em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual em processo de restauração no Estado de São Paulo. Inserida no programa de pós-graduação em Recursos Florestais, a pesquisadora atuou em uma área no município de Santa Bárbara d'Oeste (SP). "O enriquecimento dessas áreas por meio da introdução de diferentes espécies, formas de vida e grupos funcionais busca acelerar o restabelecimento da complexidade estrutural e funcional a fim de perpetuar o fragmento", explica a bióloga.

O estudo segue uma nova linha de pesquisa realizada no Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal (LERF) para o desenvolvimento de técnicas de intervenção e manejo em áreas em processo de restauração. Na prática é feita uma coleta de material antes do desmatamento, as plântulas são levadas para o viveiro para a formação de mudas e plantadas em campo para o enriquecimento de uma área. "Este trabalho pode gerar subsídios para elaboração de políticas públicas visando a coleta deste material como medidas compensatórias e mitigadoras para o licenciamento ambiental de grandes empreendimentos", comenta a pesquisadora.

Transferência de mudas - Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o trabalho observou que a comunidade de plântulas encontrada na área que seria desmatada representou uma fonte importante de plântulas para a produção de mudas com elevada diversidade regional e diferentes formas de vida. Foram coletadas plântulas de uma floresta nativa no município de Guará/SP (próximo à Franca) que seria legalmente suprimida e, em seguida, transferidas para o viveiro para a produção de mudas.

Posteriormente, mudas de vinte espécies foram plantadas no fragmento de floresta em Santa Bárbara e apresentaram elevadas taxas de sobrevivência. Nesta mesma área foi realizado o plantio de plântulas e

mudas de espécies de sub-bosque produzidas em viveiro. Foram plantadas sete espécies de plântulas e dez espécies de mudas na entrelinha do plantio original, que durante o período de avaliação apresentaram elevadas taxas de sobrevivência. “A produção de mudas a partir das plântulas coletadas possui a fase inicial de viveiro como a fase mais crítica em relação à sobrevivência (60%), mas está dentro da faixa de resultados já observados e ainda possui a vantagem de suprimir fases desconhecidas para a maioria das espécies, como a fase de germinação e estabelecimento inicial. O plantio de plântulas e mudas de espécies de sub-bosque para o enriquecimento de áreas em processo de restauração demonstrou ser viável pela elevada sobrevivência em campo, acima de 90%”, conclui.

Mais Informações:
Caio Albuquerque
caiora@esalq.usp.br